

“Leia mulheres negras”: trabalhando com a divulgação de autoras negras brasileiras na biblioteca¹

Gislaine Imaculada de Matos Silva²

Ricardo Magalhães Bulhões³

INTRODUÇÃO

O racismo estrutural ainda permeia o Brasil por mais que alguns segmentos da sociedade reneguem a existência desse fato/conceito. Ao contrário do que se pode pensar, falar sobre racismo não é fomentá-lo. É mais do que necessário falar sobre ele como forma de combate, de desenraizamento da sociedade. No Brasil, por um tempo, houve - seja em livros ou contos publicados em jornais - apenas escritores brancos. Apresentar nos livros a vivência dos negros não era compromisso dos brancos e, quando a personagem era negra, possuía estereótipos marcantes, visualizada como um ser sofrido, frágil e dependente do senhorio.

Exemplo desse tipo de personagem é Rita Baiana, de *O Cortiço* (Aluísio Azevedo), em cuja obra já havia a representação da condição feminina no século XIX ao situar a relevância do período em que se passava o romance. Além de ser mulher, Rita era negra, apresentada com imagem caracterizada pela sexualização e que vivenciava situações de submissão. Essa condição pode ser exemplificada neste trecho do livro de Aluísio Azevedo (2009).

Mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante (AZEVEDO, 2009, p. 48).

Dalcastagnè (2017), em uma pesquisa entre literatura e estatística, utilizou um *corpus* de 258 romances publicados entre 1990 e 2004. A pesquisadora observou que, entre essa vasta amostragem literária, apenas 5,8% dos personagens eram negros. Acrescenta Dalcastagnè (2017, p. 223), que “convém observar, há uma presença maior de brancos entre as personagens do que na população brasileira”.

Nesse contexto, infere-se, nitidamente, que negros/negras vêm sendo excluídos de um papel de protagonismo na literatura brasileira. Por outro lado, observa-se também um

¹ Esta publicação contou com auxílio financeiro da Fundect- MS, por meio da Chamada Fundect nº 31/2021 - Universal 2021 - ODS, Termo de Outorga 290/2022. Contou também com apoio financeiro do IFMS, por meio do edital 062/2022 da PROPI.

² Doutoranda em Letras – Estudos Literários (UFMS). Mestre em Ciência da Informação (UNESP). Especialista em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica (IFMS). Bacharel em Biblioteconomia (UNESP).

³ Docente de Literaturas de Língua Portuguesa na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS - Campus de Três Lagoas. Pós-doutor em Teoria Literária (Unicamp). Doutor e Mestre em Literatura e Vida Social (UNESP).

crescente número de escritores e escritoras negras buscando espaço e podendo retratar sua própria realidade, ou melhor, suas “escrevivências”, como diz a premiada escritora negra Conceição Evaristo.

Esta pesquisa tem como objetivo geral criar e executar, em Três Lagoas - Mato Grosso do Sul - o projeto de extensão intitulado “Leia Mulheres Negras”, um clube de leitura com propósito de disseminar a leitura por meio da literatura afro-brasileira escrita especificamente por autoras negras brasileiras. Como objetivos específicos, pretende-se incentivar o hábito de leitura, aumentar a visibilidade das obras escritas por mulheres negras, além de observar a formação da produção de sentido textual pelos participantes do projeto de extensão e, para além disso, a inserção desses sentidos em suas vivências pessoais.

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA ESCRITA POR MULHERES

Duarte et. al. (2019, p. 11) nos faz refletir sobre a questão de raça na literatura:

Literatura tem cor? Acreditamos que sim. Porque cor remete à identidade, logo a valores, que, de uma forma ou de outra, se fazem presentes na linguagem que constrói o texto. Nesse sentido, a literatura afro-brasileira se afirma como expressão de um lugar discursivo construído pela visão de mundo historicamente identificada à trajetória vivida entre nós por africanos escravizados e seus descendentes. Muitos consideram que esta identificação nasce do *existir* que leva ao ser negro. Os traços de *negritude*, *negricia* ou *negrura* do texto seriam oriundos do que Conceição Evaristo chama de “escrevivência”, ou seja, uma atitude – e uma prática – que coloca a experiência como motivo e motor da produção literária.

Ainda existe é inevitável este questionamento: por que separar a literatura afro-brasileira da literatura brasileira de forma geral? Segundo Jean-Yves Mérian (2008, p. 51):

A produção literária brasileira esteve profundamente ligada às ideologias dominantes, e em muitos casos transformou-se em verdadeiros mitos: superioridade da raça branca, branqueamento positivo, democracia racial entre outros. Muitos autores criaram suas obras e construíram seus personagens em função dessas ideologias discriminatórias para um público que não se preocupava com as ideologias dessas representações. Nos meados do século XIX, precisamente na época do romantismo, embora a população branca não fosse majoritária, pensadores e escritores formularam o conceito do povo brasileiro, em função disso surgiu o mito da superioridade da raça branca e da civilização europeia; assim os negros, por representarem a barbárie da escravidão, tornaram-se indignos de aparecerem no cenário dos antepassados da nação brasileira. (MÉRIAN, 2008, p. 51).

Pelo exposto, o termo “literatura afro-brasileira” enfatiza esse tipo de produção o qual nem sempre teve o seu espaço que lhe é de direito.

A partir do século XIX, quando os próprios negros começaram a escrever suas histórias, já se observava a mudança na representação do negro. Simultaneamente, o primeiro romance

publicado por uma mulher no Brasil é de autoria de uma mulher negra, sendo também o primeiro romance abolicionista escrito em língua portuguesa, trata-se de “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis (1822-1917).

Segundo o pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2019), há cinco aspectos que configuram a literatura afro-brasileira: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público.

A **temática**, de forma geral, diz respeito à abordagem não somente do sujeito negro, mas também da história dos negros no Brasil, suas tradições culturais e religiosas. Além disso, pode também “contemplar o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de suas consequências, ou ir até a glorificação de heróis como Zumbi e Ganga Zumba.”. (DUARTE, 2009, p. 80).

Com relação à **autoria**, esta refere-se ao fato de o texto ter sido escrito por uma pessoa negra, dado esse da raça que precisa aparecer na textualidade.

O **ponto de vista** abrange a visão de mundo a partir do ser negro, da experiência do ser negro e do ser mulher negra no Brasil. Desdobra-se na construção dos personagens, na superação do discurso colonizador e na vez do lugar de fala dos oprimidos. Conceição Evaristo pontua que “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”. (EVARISTO, 2007, p. 21).

Esse termo que se manifesta no ponto de vista foi criado pela escritora Conceição Evaristo e, além do que representa - “escrever a vivência da mulher negra na sociedade racista”- escrevivência vai além desse sentido. Evaristo (2021), em entrevista a Morgani Guzzo, do Portal Geledés, menciona que, quando questionada sobre o significado do termo escrevivências, a escritora esclarece:

Eu venho trabalhando com esse termo desde 1994, 1995, quando eu faço a minha dissertação de mestrado, e aí eu começo a fazer um jogo entre escrever-viver, escrever-se-ver, escrever-se-vendo, escrevendo-se, até chegar ao termo *escrevivência*. Mas o ponto de nascimento dessa ideia traz um fundamento histórico, que é esse processo de escravização dos povos africanos, e eu estou pensando muito nas mulheres africanas e suas descendentes escravizadas. (EVARISTO, 2021, *online*).

Acerca da **linguagem**, um dos fatores que compõem a diferença cultural no texto literário, Duarte (2019, p. 38) afirma que “a afro-brasilidade tornar-se-á visível também a partir de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil”. Sendo assim, há toda uma semântica própria que, ainda de acordo com Duarte (2019, p. 38), é “empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos da língua”.

Tratando-se do aspecto do **público**, apenas após a abolição é que se forma um público leitor negro, e os escritores negros começam a produzir mais literatura até chegar atualmente aos saraus literários nas periferias, por exemplo, inclusive em manifestações culturais alusivas ao dia da Consciência Negra, em 20 de novembro.

O público também está bastante ligado às escrevivências, visto que nas marcações da divisão de classes sociais, de raça e de gênero, infelizmente, é muito comum contextualizar “pobres e negros nas favelas e nos presídios, homens brancos de classe média e intelectuais nos espaços públicos, mulheres dentro de casa, negras na cozinha...”, de acordo com Dalcastagné (2005, p. 49). A autora ainda acrescenta que, quando esse público aparece na textualidade, é comum que carreguem traços da violência “exercida sobre os dominados”.

Sobre o público, Duarte (2010, p. 133) acrescenta:

No caso, o sujeito que escreve o faz não apenas com vistas a atingir um determinado segmento da população, mas o faz também a partir de uma compreensão do papel do escritor como porta-voz da comunidade. Isto explica a reversão de valores e o combate aos estereótipos, procedimentos que enfatizam o papel social da literatura na construção da autoestima. (DUARTE, 2010, p. 133).

Convém expor o perigo de uma classificação como essa se tornar um manual conforme afirma o poeta Edmilson de Almeida Pereira, citado por Soares (2018). Dessa forma, é importante salientar que, para um texto literário ser considerado “afro-brasileiro”, não precisa necessariamente conter todos esses elementos.

Duarte (2019) ainda entende que a literatura afro-brasileira está ao mesmo tempo “dentro” e “fora” da literatura brasileira de forma geral. O pesquisador assim se manifesta por considerar que a literatura afro-brasileira está mais comprometida com uma visão de mundo antirracista, de enfrentamento.

Para complementar, o pesquisador e escritor negro Cuti questiona o termo “literatura afro-brasileira” e nos apresenta o termo “literatura negro-brasileira”. Em seu livro com o mesmo título, publicado pela Editora Selo Negro, Cuti (2010) afirma:

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. **“Afro-brasileiro” e “afro-descendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana.** Em outras palavras, é como se só à produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil. (grifo nosso).

No livro “Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI”, coordenado por Eduardo de Assis Duarte (2019), entre os 100 autores negros, apenas 27 são mulheres. As citadas nesse estudo são: Maria Firmina dos Reis, Antonieta de Barros, Carolina Maria de Jesus, Ruth Guimarães, Mãe Beata de Yemonjá, Maria Helena Vargas da Silveira, Conceição Evaristo, Lourdes Teodoro, Isaldete Pinheiro de Andrade, Geni Guimarães, Aline França, Alzira Rufino, Cyana Leahy, Sônia Fátima da Conceição, Miriam Alves, Madu Costa, Heloisa Pires Lima, Lia Vieira (pseudônimo de Eliane Barbosa Vieira), Esmeralda Ribeiro, Sonia Rosa, Jussara Santos, Patrícia Santana, Ana Cruz, Cidinha da Silva, Ana Maria Gonçalves, Cristiane Sobral e Livia Natália.

Entre as autoras, destaca-se Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra com sua obra *Úrsula* (publicada em 1859). Contemporânea de José de Alencar, observa-se que, já àquela época, havia uma invisibilidade dos escritos de negros/as. Ao citar o exemplo de Maria Firmina dos Reis, Duarte (2019, p. 56) ressalta que

Maria Firmina articula de forma crítica as ações do enredo, de modo a destacar os personagens negros e a condenar explicitamente a escravidão. Em lugar de colocar o senhor de escravos como herói, faz dele o vilão.

O livro não menciona escritoras mais contemporâneas, como algumas que vieram do movimento “*poetry slam*”, ou “batalha de poesia”, que teve início nos Estados Unidos (Chicago) na década de 1980, mas chegou a São Paulo apenas em 2008 por intermédio de uma mulher. Mel Duarte (2019), poeta negra brasileira, uma das grandes representantes desse movimento de *slam*, define-o como “um espaço poético, político, democrático, que tem como principal conceito a liberdade de expressão, fazendo do livre diálogo uma ferramenta para a construção de novos horizontes”.

METODOLOGIA

Em Três Lagoas, o Projeto de Extensão “Leia Mulheres Negras” veio com o propósito de criação de um clube de leitura, especificamente para a leitura da produção de literatura afro-brasileira de escritoras negras brasileiras.

O projeto foi desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Mato Grosso do Sul (IFMS) como projeto de extensão, inicialmente no espaço de uma sala multiuso disponível na biblioteca do campus. Com o desenvolvimento do projeto e o aumento de público, os encontros passaram a acontecer no auditório do referido campus.

Inicialmente, o público-alvo pensado seria composto por alunos da rede municipal, estadual ou federal da cidade de Três Lagoas, matriculados no Ensino Médio. A escolha desse público-alvo foi ao encontro das “Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”, conforme publicado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad – MEC) em 2004.

Além disso, é importante mencionar ainda a relação da pesquisa com a relevância da Lei n. 10.639, de 09 de janeiro de 2003, “que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências”.

Entretanto, no desenvolvimento do projeto, decidiu-se que o público seria aberto a todas as idades, tanto para alunos matriculados no Ensino Médio, quanto para quem esteja em universidade ou não matriculado em nenhum curso.

Considerando que nossa cultura não tem o costume de favorecer mulheres, inclusive no mercado editorial, a criação e a execução desse projeto de extensão tiveram, portanto, como um dos propósitos criar um meio de disseminação do hábito de leitura, além do aumento da visibilidade das obras clássicas ou contemporâneas escritas por mulheres negras.

A frequência de encontros foi mensal, sempre ocorrendo inicialmente na última segunda-feira de cada mês e, posteriormente, na última terça-feira de cada mês. O desenvolvimento do projeto ocorreu entre os meses de agosto de 2022 a junho de 2023.

No Âmbito do IFMS, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) ofereceu suporte ao projeto “Leia Mulheres Negras”. O NEABI possui “a função de auxiliar no direcionamento de estudos, pesquisas e ações de extensão que promovam a reflexão sobre as questões étnico-raciais.” (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO DO SUL, *online*). Por meio de um edital interno do IFMS (Edital 019/2022), obtiveram-se recursos para bolsas destinadas a três estudantes negros matriculados em cursos de nível médio integrado ao curso técnico (Informática e Eletrotécnica) para auxiliarem no desenvolvimento do projeto. Os alunos bolsistas discutiam o texto a ser abordado no encontro previamente com a coordenadora do projeto.

Assim, em cada encontro, houve discussão de um texto curto - poemas, contos, trechos de livros e até letra de música - pensando na praticidade da leitura visto que muitos participantes eram estudantes e já teriam o comprometimento com as leituras corriqueiras de seus cursos, além de estudos para provas.

Os participantes inscritos no *site* para esses encontros – vinte ao todo para melhor aproveitamento das discussões – recebiam por *e-mail* o texto para a leitura prévia.

DESENVOLVIMENTO

Com as novas tecnologias da informação e comunicação (TICs), muitos suportes de informação deixaram de ser utilizados com tanta frequência, como é o caso do disco vinil e das fitas de vídeos VHS (*video home system*), que viraram itens de colecionador. Para ouvir música, hoje existem diversos aplicativos como *Spotify*, *Deezer* ou *Youtube*. Para filmes, *Netflix*, *Amazon Prime* e outros. Dentro desse contexto, os livros digitais podem ser uma ameaça aos livros impressos?

A neurocientista cognitiva Maryanne Wolf, citada por Idoeta (2019, *online*) afirma em seu livro “O Cérebro no Mundo Digital: desafios da leitura na nossa era” (2019):

O fato de lermos cada vez mais em telas, em vez de papel, e a prática cada vez mais comum de apenas “passar os olhos” superficialmente em múltiplos textos e postagens online podem estar dilapidando nossa capacidade de entender argumentos complexos, de fazer uma análise crítica do que lemos e até mesmo de criar empatia por pontos de vista diferentes do nosso. (WOLF, 2019 *apud* IDOETA, 2019, *online*)

Nesse cenário, a ideia da criação de um clube de leitura possui intrinsecamente um propósito de estimular a leitura completa de livros, independentemente de seu gênero, indo além da leitura rápida feita *online*.

O estudo “Retratos de Leitura”, publicado pelo Instituto Pró-Livro e organizado por Zoara Failla em 2016, indica que quase “56% dos brasileiros se declaram leitores – o critério é ter lido um livro ou parte dele nos últimos três meses. Nos dois extremos, temos 30% que nunca compraram um livro e 25% com boas habilidades em leitura e escrita”. Esses dados demonstram que o Brasil pode sim ser um país de leitores, contanto que haja incentivos adequados desde o período escolar.

Em uma simples busca no Google, não foram encontradas atividades recentes de “clube de leitura” em Três Lagoas (considerando “clube de leitura” um espaço para leitura e discussão periódica de livros). Apenas sobre um projeto “Clube da Leitura” no campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), mas que se trata de uma minibiblioteca em que os empréstimos e devoluções são feitos de forma autônoma pelos seus usuários. Também existe a “Biblioteca na Sapataria do Celso”, porém também não se enquadra como “clube de leitura”.

Dessa forma, um clube de leitura na cidade de Três Lagoas pode motivar os estudantes e a população, criando um hábito de ler, além de envolver a questão do empoderamento negro, a partir da temática do projeto “Leia Mulheres Negras”, com relação às descobertas no universo da literatura afro-brasileira, como os elementos que abordam a questão do **ser negro/a** na sociedade, seus aspectos religiosos e culturais.

O quadro 1 a seguir apresenta os textos que foram trabalhados no projeto:

Quadro 1. Textos discutidos no projeto de extensão “Leia mulheres negras”

Encontro	Título	Autor	Livro ao qual pertence o texto
1º encontro	Olhos d’água (conto)	Conceição Evaristo	Olhos d’água (2014)
2º encontro	Becos, Viellas, Afoxé e Congado (crônica)	Cidinha da Silva	Suplemento Pernambucano (2020)
3º encontro	Coisa de preto (poema/slam)	Cristal Rocha	Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta (2019)
4º encontro	Mais uma história de Xangô e o quiabo (itã)	Mãe Beata de Yemonjá	Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros (1997)
5º encontro	Quarto de despejo: diário de uma favelada (trecho do livro)	Carolina Maria de Jesus	Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960)
6º encontro	Não vou mais lavar os pratos (poema)	Cristiane Sobral	Não vou mais lavar os pratos (2010)
7º encontro	Pai Adão era nagô (trecho do livro)	Inaldete Pinheiro de Andrade	Pai Adão era nagô (1989)
8º encontro	Coisa de preto (poema/slam)	Cristal Rocha	Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta (2019)
9º encontro	Banho de folhas (música)	Luedji Luna e Emillie Lapa	Álbum “Um corpo no mundo” (2017)

Fonte: Elaborado pelos próprios autores (2023).

Durante os encontros mensais, por meio dos textos selecionados, foram discutidos temas importantes como religiosidade afro-brasileira (orixalidades), escriturais, negritude, empoderamento negro, escravidão, empregadas domésticas, entre outros.

No último encontro, para que pudessem continuar a leitura de mulheres negras em casa, também houve o sorteio dos seguintes livros entre os participantes: "Querem nos calar:

poemas para serem lidos em voz alta", de Mel Duarte; "Tudo nela brilha e queima", de Ryane Leão; "Pequeno manual antirracista", de Djamila Ribeiro e "Olhos d'água", de Conceição Evaristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que ler escritoras negras? O mercado editorial ainda é muito restrito, e as mulheres não possuem tanta visibilidade, por isso a relevância de um projeto como este. Além disso, tratando-se da mulher negra, há questões específicas relacionadas a poucos privilégios sociais - observou-se entre os participantes do projeto bastante interesse nos assuntos tratados durante os encontros, como a questão racial, escravidão, trabalho doméstico, orixalidade, cultura afro-brasileira, entre outros.

A escritora negra Conceição Evaristo, citada por Jesus, Cassilha e Santos (2018), afirma que suas palavras “não foram feitas para ninar as crianças da casa grande, mas para acordar a senzala”. A mesma autora cunhou o termo “*escrevivência*” para marcar a sua escrita, que é símbolo de luta e de resistência, com a sua vivência de mulher negra, nascida na favela e que hoje é Doutora em Literatura Comparada, com livros traduzidos em diversos países.

Muitas autoras brasileiras - e também estrangeiras - merecem sair da invisibilidade, serem reconhecidas, e este projeto procura se aprofundar na temática, disseminando-a, independentemente do gênero literário (contos, poemas, romances), da literatura feita por mulheres negras brasileiras, dentre estas as escritoras brasileiras a serem mais reconhecidas: Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Mel Duarte, Ryane Leão, Cidinha da Silva, Ana Maria Gonçalves, Mãe Beata de Yemonjá, entre tantas outras.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Alúcio. **O Cortiço**. Santa Catarina: Avenida, 2009.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 10 de ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad). **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**. 2004.

CUTI [Luiz Silva]. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010. 151 p. (Coleção Consciência em Debate).

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 26, Brasília, 2005, p. 13-71. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 14 mai. 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. In: EBLE, Laetícia Jensen; DALCASTAGNÈ, Regina. (Orgs.). **Literatura e exclusão**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2017.

DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: elementos para uma conceituação. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 77-90, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/9>. Acesso em: 3 mai. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 113-138, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>. Acesso em: 3 mai. 2023.

DUARTE, Mel (org.). **Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. 224 p.

FAILLA, Zoara. (Org.) **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

IDOETA, Paula Adamo. **Hábitos digitais estão 'atrofiando' nossa habilidade de leitura e compreensão?**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-47981858>. Acesso em: 11 jun. 2023.

INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. **Núcleo de Estudos (Neabi)**. Disponível em: <https://www.ifms.edu.br/assuntos/extensao/inclusao-e-diversidade/estudos-afro-brasileiros-e-indigenas/nucleo-de-estudos-neabi>. Acesso em: 2 jun. 2023.

JESUS, Jessica Oliveira de; CASSILHAS, Fabrício Henrique Meneghelli; SANTOS, Silvana Martins dos. Literatura negra, feminismo negro e tradução: uma entrevista com Conceição Evaristo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 3, p. 1-7, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v26n3/1806-9584-ref-26-03-e57055.pdf>. Acesso em 12 jun. 2023.

SOARES, Esdras. **Por que estudar literatura afro-brasileira?** 2018. Instituto Claro. (12m48s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fyVvsYz-BD4>. Acesso em: 13 mai. 2023.